Alemanha: A «Questão Oriental» está de volta e ameaça a transição económica e geopolítica

Alberto Cunha · 05.10.2026

POLÍTICA · SOCIEDADE

Os eleitores não estão simplesmente a reagir à imigração ou a questões culturais. Trata-se também de uma disputa sobre que tipo de modelo económico deve substituir aquele que a Alemanha seguiu durante grande parte do período pós-Guerra Fria.

As recentes eleições regionais na Alemanha provocaram mais um choque político. Na Saxónia-Anhalt, a 6 de setembro, a Alternative für Deutschland (AfD) obteve 43,8% dos votos, mais do que duplicando o seu resultado de 2021. Duas semanas depois, em Meclemburgo-Pomerânia Ocidental, obteve 38,2%, ficando ligeiramente à frente do SPD. Em Berlim, o panorama foi muito diferente: o Die Linke («A Esquerda») tornou-se o maior partido com 25,7%, enquanto a AfD atingiu 16,3%. Em três eleições regionais, é natural encontrar três resultados diferentes, mas é possível e necessário fazer uma interpretação mais ampla e estrutural do que está a acontecer na Alemanha: este é o principal objetivo do presente artigo.

O argumento a apresentar é que estes resultados eleitorais regionais apontam para uma evolução comum: o centro político tradicional alemão está menos capaz de absorver as transformações económicas e sociais que estão a ocorrer em todo o país e ainda menos capaz na Alemanha Oriental. A Saxónia-Anhalt e o Meclemburgo-Pomerânia Ocidental fazem ambas parte da antiga Alemanha Oriental, onde a AfD se estabeleceu como a força política dominante. Em Meclemburgo-Pomerânia Ocidental, a CDU nem sequer ultrapassou o limiar dos 5%. Na Saxónia-Anhalt, a sua votação desceu para 17,2%, enquanto a AfD atingiu 43,8%. Quanto a Berlim, embora também se situe no Leste, é uma cidade global - tanto em termos do seu poder político como da sua composição demográfica - localizada no meio das zonas menos desenvolvidas e com menor população de imigrantes da Alemanha.

> A reunificação da Alemanha foi uma conquista política extraordinária. No entanto, a indispensável transformação económica que se seguiu foi muito mais perturbadora do que a narrativa triunfante da reunificação por vezes sugere.

O primeiro erro a evitar ao analisar estes resultados é acreditar que se trata simplesmente do resultado do debate sobre a migração, da insatisfação com o governo federal ou da popularidade de políticos específicos da AfD, nomeadamente do atual chanceler. Embora esses fatores sejam importantes, uma explicação mais profunda remonta a muito mais longe: nomeadamente, à forma como a Alemanha se reunificou em 1990. Em suma, o Muro desapareceu muito mais depressa do que as diferenças

económicas e sociais entre o Leste e o Oeste.

A reunificação da Alemanha foi uma conquista política extraordinária. No entanto, a indispensável transformação económica que se seguiu foi muito mais perturbadora do que a narrativa triunfante da reunificação por vezes sugere. A agência Treuhand desmantelou, privatizou ou reorganizou grande parte da economia da Alemanha Oriental, enquanto a propriedade e a tomada de decisões económicas foram frequentemente transferidas para empresas da Alemanha Ocidental. Seguiram-se transferências financeiras maciças: entre 1991 e 1995, as transferências para os novos Länder ascenderam a cerca de 812 mil milhões de marcos alemães.

> O problema do Leste após a reunificação ia além da falta de dinheiro. Tratava-se da experiência de uma profunda transição económica, na qual muitos alemães do Leste sentiam que os termos dessa transição estavam a ser decididos noutro lugar.

O problema do Leste após a reunificação ia além da falta de dinheiro. Tratava-se da experiência de uma profunda transição económica, na qual muitos alemães do Leste sentiam que os termos dessa transição estavam a ser decididos noutro lugar. Para contextualizar, o desemprego no Leste atingiu os 20,1% em 2004, quase o dobro do nível nacional. Mais de três décadas após a reunificação, persistem diferenças significativas em termos de salários, riqueza, propriedade empresarial e estruturas económicas. Cerca de quatro milhões de alemães do Leste também se mudaram para o Oeste entre 1991 e 2017, com os jovens e as mulheres a representarem uma proporção desproporcional entre os que partiram.

> [A mensagem da AfD] raramente se resume apenas à economia. A imigração, a identidade nacional, a desconfiança em relação a Berlim e Bruxelas, a oposição às políticas climáticas e a hostilidade para com a classe política estabelecida combinam-se numa única explicação para o motivo pelo qual muitas pessoas sentem que o país mudou numa direção que não escolheram.

O resultado foi um certo paradoxo. A Alemanha reunificou-se com sucesso como Estado, tornando-se uma potência central no seio da UE, mas demorou muito mais tempo a emergir uma sociedade política e económica alemã plenamente integrada (se é que alguma vez surgiu). Essa história é importante porque a AfD se tornou particularmente eficaz a traduzir a insatisfação económica numa narrativa política mais ampla. A sua mensagem raramente se resume apenas à economia. A imigração, a identidade nacional, a desconfiança em relação a Berlim e Bruxelas, a oposição às políticas climáticas e a hostilidade para com a classe política estabelecida combinam-se numa única explicação para o motivo pelo qual muitas pessoas sentem que o país mudou numa direção que não escolheram. Há também uma componente claramente económica nesta mensagem. A AfD tem-se apresentado na Alemanha Oriental como um partido disposto a reverter políticas que, segundo argumenta, prejudicaram a indústria e o poder de compra das famílias. Em Meclemburgo-Pomerânia Ocidental, o seu programa apelava à reabertura do *Nord Stream 2* e à reparação dos seus gasodutos danificados. Tem também defendido a criação de zonas

económicas especiais em regiões estruturalmente mais fracas.

Por fim, para completar este contexto político que ajuda a compreender a popularidade da AfD na Alemanha Oriental, é aqui que um antigo debate alemão regressa discretamente. Durante décadas, as relações económicas alemãs com a Rússia assentaram na convicção de que o comércio, a interdependência energética e a cooperação económica poderiam criar estabilidade política. A versão pós-Guerra Fria da *Ostpolitik* assentava numa proposição económica muito simples: a indústria alemã beneficiaria de energia russa relativamente barata, a Rússia ganharia com o acesso ao capital e à tecnologia alemães e a interdependência económica tornaria o confronto menos provável.

> Em algumas partes do leste da Alemanha, particularmente nas regiões que sofreram um declínio industrial após a reunificação, a memória do que a energia russa outrora representava é, por isso, politicamente útil.

A invasão da Ucrânia destruiu grande parte dessa premissa política. Desde então, a Alemanha reduziu drasticamente a sua dependência da energia russa e passou a manter uma relação muito mais conflituosa com Moscovo. No entanto, uma ideia económica pode desaparecer da política governamental mais rapidamente do que da sociedade. Em algumas partes do leste da Alemanha, particularmente nas regiões que sofreram um declínio industrial após a reunificação, a memória do que a energia russa outrora representava é, por isso, politicamente útil. O *Nord Stream* não é simplesmente um gasoduto neste debate. Tornou-se um símbolo de um modelo económico alemão diferente: energia mais barata, indústria mais forte e menos restrições nas relações económicas com a Rússia.

Isso ajuda a explicar por que razão a AfD consegue combinar duas mensagens aparentemente diferentes: oposição à imigração e nostalgia por uma relação economicamente mais aberta com Moscovo. A combinação faz mais sentido quando vista através da experiência de uma região que passou três décadas a adaptar-se a sucessivas transformações económicas.

> As queixas económicas, por si só, são insuficientes para explicar o apoio à AfD. A alienação política, o ressentimento cultural e a perceção de serem tratados como cidadãos de segunda classe continuam a ser fatores importantes.

A questão não é que os alemães do Leste estejam simplesmente a votar a favor da Rússia ou mesmo contra o apoio à Ucrânia. Estudos recentes sugerem que as atitudes em relação à Rússia e à Ucrânia continuam a ser significativamente diferentes entre a Alemanha Oriental e Ocidental, enquanto as queixas económicas, por si só, são insuficientes para explicar o apoio à AfD. A alienação política, o ressentimento cultural e a perceção de serem tratados como cidadãos de segunda classe continuam a ser fatores importantes. A dimensão económica, no entanto, proporciona o contexto material no qual estas atitudes políticas ganham força.

Há também uma razão mais imediata pela qual o custo político está a ser sentido de forma tão intensa. A Alemanha está atualmente a pedir ao seu eleitorado que aceite mais uma transformação profunda. O governo está a afastar-se de um modelo económico e estratégico que tinha sido construído ao longo de décadas: energia russa relativamente barata, despesas de defesa moderadas, exportações industriais fortes e o pressuposto de que a interdependência económica poderia ajudar a estabilizar a Europa. A guerra na Ucrânia, a deterioração das relações com a Rússia e a incerteza quanto à garantia de segurança americana tornaram esse modelo cada vez mais difícil de sustentar.

O governo de Merz está agora a tentar substituí-lo por maiores despesas com a defesa, maior margem orçamental para investimento, maior capacidade industrial interna e uma Alemanha estrategicamente mais assertiva. Pode argumentar-se que as recentes decisões ambiciosas, mas dispendiosas, equivaleram essencialmente a uma *Zeitenwende 2.0* da Alemanha: o atual governo, ainda antes de assumir o cargo, orquestrou a aprovação de um fundo de investimento em infraestruturas e defesa no valor de 500 mil milhões de euros, bem como uma revisão a longo prazo das restrições do «freio à dívida» consagrado na Constituição. Por 2.0, refiro-me à consolidação de uma transformação nacional a longo prazo, após a retórica de 2022, na qual a defesa se está a tornar uma prioridade política e orçamental permanente, em vez de uma resposta excecional à guerra na Ucrânia.

> O governo está a pagar um preço político por uma transição cujas consequências plenas (potencialmente muito positivas a longo prazo) só se tornarão visíveis daqui a alguns anos.

O problema com estas decisões ambiciosas é que a necessidade estratégica e os incentivos eleitorais nem sempre apontam na mesma direção. Os benefícios desta transformação são, em grande parte, a longo prazo e difíceis de perceber no dia a dia, enquanto muitos dos seus custos são imediatos: aumento da despesa pública, pressão para reformar a economia, incerteza na indústria de elevado consumo energético e as consequências políticas de um país que, mais uma vez, pede aos seus cidadãos que se adaptem a um ambiente internacional em mudança. O governo está a pagar um preço político por uma transição cujas consequências plenas (potencialmente muito positivas a longo prazo) só se tornarão visíveis daqui a alguns anos. Isto é importante na Alemanha Oriental, onde as memórias das transformações pós-1990, às quais me referi anteriormente, permanecem invulgarmente fortes. Para os eleitores que viveram a reunificação como um período de perturbação económica, declínio demográfico e perda de estatuto social, um novo período de profundos ajustamentos económicos e geopolíticos pode facilmente reforçar a perceção de que os custos da mudança estão a ser distribuídos de forma desigual.

> Os eleitores não estão simplesmente a reagir à imigração ou a questões culturais. Trata-se também de uma disputa sobre que tipo de modelo económico deve substituir aquele que a Alemanha seguiu durante grande parte do período pós-Guerra Fria.

Isto ajuda a explicar por que razão a mensagem económica da AfD ganhou força a par da sua oposição à orientação estratégica mais ampla do governo. O seu apelo a uma energia mais barata, à renovação das relações económicas com a Rússia e a uma abordagem diferente da política industrial reflete uma tensão real no seio da atual transformação da Alemanha. Os eleitores não estão simplesmente a reagir à imigração ou a questões culturais. Trata-se também de uma disputa sobre que tipo de modelo económico deve substituir aquele que a Alemanha seguiu durante grande parte do período pós-Guerra Fria.

A AfD apresenta uma interpretação política segundo a qual o modelo anterior da Alemanha pode, em certa medida, ser restaurado. O governo aposta que a Alemanha deve avançar na direção oposta. A Alemanha está, mais uma vez, a passar por uma transformação estrutural, mas, desta vez, esta ocorre num contexto de maior polarização e da consequente pressão eleitoral, bem como à sombra de uma guerra na Europa. O preço político de uma mudança de rumo pode, por isso, ser considerável, mesmo que a lógica estratégica subjacente à mudança se torne cada vez mais difícil de evitar por Berlim.

A Alemanha está a passar por várias transições em simultâneo. A primeira foi a reunificação. A segunda foi a transformação da economia alemã após o fim da Guerra Fria. A terceira foi a expansão da interdependência económica com a Rússia. A quarta é a atual tentativa de reverter parte desse modelo na sequência da invasão da Ucrânia. Para muitos alemães do Oeste, estas transições podem parecer capítulos sucessivos de uma história nacional relativamente coerente. Para muitos alemães do Leste, podem parecer diferentes: um sistema desapareceu, foi imposto um modelo económico, indústrias desapareceram, milhões de pessoas mudaram-se para o oeste e, depois, o país adotou outra estratégia económica cujos custos estão novamente a ser sentidos de forma desproporcional em algumas regiões industriais e periféricas.

A AfD soube estabelecer uma ligação entre estas experiências, mesmo que nem todos os seus eleitores se encontrem em situação de carência económica. De facto, algumas investigações recentes sobre a AfD na Alemanha Oriental sugerem que a alienação política e o ressentimento cultural são indicadores mais fortes do apoio a este partido do que as queixas socioeconómicas por si só. A questão reside, antes, no facto de a mudança económica proporcionar o terreno político no qual estas queixas se desenvolvem.

> A reação política à insegurança económica na Alemanha não conduz automaticamente à direita. Depende da geografia política e de qual o partido que consegue traduzir as preocupações materiais numa narrativa política convincente.

As eleições regionais de Berlim ilustram o outro lado da história. Nessa região, o maior beneficiário do colapso dos partidos tradicionais não foi a AfD, mas sim o Die Linke. O partido registou um aumento para 25,7%, enquanto a CDU, o SPD e os Verdes perderam terreno. Os custos da habitação, os serviços públicos e a distribuição dos ganhos económicos proporcionaram uma linguagem diferente através da qual a insatisfação pôde ser expressa. É, portanto, necessário deixar clara uma conclusão importante: a

reação política à insegurança económica na Alemanha não conduz automaticamente à direita. Depende da geografia política e de qual o partido que consegue traduzir as preocupações materiais numa narrativa política convincente.

No entanto, as eleições no Leste continuam a ser particularmente importantes, porque a AfD deixou de ser apenas um partido de protesto. Na Saxónia-Anhalt, obteve quase 44% dos votos. Em Meclemburgo-Pomerânia Ocidental, obteve 38%. A CDU desapareceu efetivamente do parlamento em Schwerin. O SPD continua a ser poderoso nessa região, mas a sua posição depende agora cada vez mais da cooperação com partidos mais pequenos. A Alemanha enfrenta um problema político que não pode ser resolvido simplesmente repetindo a *Brandmauer* ou «cordão sanitário» contra a AfD. Essa pode impedir o partido de entrar no governo, mas não elimina as razões pelas quais milhões de alemães votam nele.

Essas razões são em parte culturais, em parte políticas e em parte económicas; e têm uma história geográfica. O facto mais importante sobre as recentes eleições é que as consequências políticas das transformações da Alemanha após 1990 continuam a desenrolar-se. A questão da Alemanha Oriental não desapareceu com a reunificação; apenas mudou de forma. E agora está, mais uma vez, a moldar o futuro da Alemanha e da Europa em geral.

Progressistas — https://progressistas.pt/artigo/alemanha-a-questao-oriental-esta-de-volta-e-ameaca-a-transicao-economica-e-geopolitica